

FERNANDO SABINO

ALÉCIO E A VOLTA ÀS ORIGENS

Carlos Drummond me telefona dizendo que o Alécio chegou. No mesmo dia Vinícius me diz que o Alécio está no Rio. O próprio Alécio me informa que sua vinda se liga ao estado de saúde de Marques Rebelo.

Que Alécio é esse, tão amigo de poetas e romancistas?

Eu poderia dizer que é filho de outro escritor, Almir de Andrade — o que por si já constitui uma respeitável apresentação. Um escritor, portanto. Mais precisamente, um poeta.

Mas o que o Alécio escreve não se diz: seus poemas existem só para os raros. Em compensação, se você for a Paris pergunte pelo Alécio em qualquer bar ou bistrô de Rive Gauche. Entre numa portinha na Rue de la Harpe, suba uma escada, bata na porta. Dois olhinhos vivos, atrás de um par de óculos de aro fino e ercimidados por uma coroa de melenas encaracoladas, surgirão à sua frente como num desenho animado da UFA. O sorriso se transformará numa risada de menino, como se sua presença fosse a coisa mais engraçada deste mundo. Você será naturalmente convidado a entrar para um mundo que tangencia o de Tom Sawyer e o de Alice no País das Maravilhas. E conhecerá o verdadeiro embalo parisiense, que lhe dará um dia o que contar a seus netos. A começar pelo próprio Alécio — porque ele tem, entre outras, essa virtude fantástica para os que não crêem em bruxarias, que é a de realmente existir.

☆☆☆

Às vezes, dentro da noite gélida de Londres, o telefone tocava como um alarme de incêndio, e eram três horas da manhã. De Montparnasse, bebendo calvados no La Coupole na companhia de Narceu de Almeida, ou Samuel Becket, ou Karl Marx (o brasileiro Carlos Marques), era Alécio que se lembrava de mim:

— Está fazendo muito frio aí?

Um dia resolveu verificar pessoalmente, pegou uma carona com um casal de franceses. Foi despejado em Dover, onde outros passageiros teriam de ser incorporados, não havia mais lugar para ele. Mas o casal o botou num trem, depois de o convidar para uma festinha que haveria naquela mesma noite em Londres.

— Onde é a festinha? — perguntei, precavido.

Eu o vi chegar à minha casa minutos antes, alegre como um passarinho, carregando a sua mochila. Procurei no mapa o endereço que ele me deu:

— Sabe que todo transporte em Londres termina à meia-noite?

Já passavam das dez — mas assim mesmo lá foi ele para a tal festinha, que era para lá da casa da mãe Joana. Não fiquei apreensivo ao acordar no dia seguinte e ver que ele ainda não havia voltado — conheço meu eleitorado. Só chegou às duas da tarde:

— Era realmente longe — desculpou-se.

☆☆☆

Depois de uma longa viagem de trem e mais alguns quilômetros a pé, encontrara o endereço que buscava. Havia mesmo uma festinha, mas o casal de franceses não estava lá. Ainda assim entrou, e em-



AS TRÊS GRAÇAS, MUSEU DO LOUVRE, PARIS



JEAN-PIERRE LELOIR

“Que Alécio é esse, tão amigo de poetas e romancistas?”

bora naquele tempo não falasse inglês, foi maneirando, tomou umas e outras, foi ficando. A festa apesar de inglesa, era animada. A certa altura percebeu que todos já se retiravam. Quando deu por si restava só duas moças, donas da casa — uma delas com o namorado. Eis que o casal, sem mais aquela, desapareceu escada acima, logo seguido da outra moça. Não tendo mais nada a fazer nem para onde ir, esperou um pouco e acabou indo atrás. Viu-se num escuro corredor — abriu uma porta, deu com o casal numa cama docemente acomodado. Abriu outra, viu a segunda moça também na cama, docemente nua. Não vacilou: tirou a roupa e meteu-se na cama com ela. A moça, olhos fechados, o aceitou sem uma palavra, em nome da Inglaterra. Depois ambos dormiram o sono dos inocentes.

Quando ele abriu os olhos, a janela filtrava um raio de luz pálida daquele sol anão que só Londres sabe ter. Não se lembrava de nada, não sabia onde estava: em seu quarto de Paris não era, *chez Sabino* em Hampstead muito menos. Era um quarto de moça — sobressaltado, pulou da cama, vestiu-se rápido e foi tratando de cair fora. Desceu sorrateiro as escadas e de repente — bem, de repente deu

com uma família inglesa reunida em torno à mesa, tomando *breakfast*: o pai, a mãe, as duas moças, o tal namorado que não era senão o marido de uma delas. Os velhos o acolheram com britânica civilidade, não teve outro jeito senão tomar o seu lugar à mesa, já reservado pela companheira de cama. A conversa transcorreu amena e distraída — pouco se importou que não entendessem seu francês, também não entendia o inglês deles. Ficou lá até uma da tarde, fizeram questão de lhe ensinar o caminho de volta. E no mesmo dia ele regressou a Paris, me dizendo, ao despedir-se:

— Londres é mesmo uma cidade engraçada, gostei muito.

☆☆☆

“ALÉCIO DE ANDRADE — Nê em 1942 à Rio de Janeiro — Résidence Paris — Etudes à la Faculté de Droit de Rio, puis études littéraires. Obtint un prix de poésie à la Semaine d'Art Contemporain de Rio — Assistant de cinéma pendant un an — Exposition de photos à Rio, Berlin, Rome, Bonn, Heidelberg en 1965. Vient à Paris en 1965, et travaille pour Elle et plus particulièrement pour Manchete — Avec Magnum, premier contact en 1970, et depuis 1972, collaboration plus active”. (Reporter-Objective — Le Magazine du Reportage Photo-Cinéma — Paris, Janeiro de 1973).

Magnum, para os que não sabem: uma cooperativa que reúne apenas 25 fotógrafos,

entre os melhores do mundo. Fundada por Cartier Bresson, George Rodger, David Seymour e Robert Capa — os maiores cobras da fotografia em todos os tempos. Como é que Alécio de Andrade foi parar entre eles? O Alécio, aquele menino de Ipanema e mais precisamente do chope no Zepelim, amigo do Carlinhos de Oliveira e do Marco Aurélio Matos, transando literatura comigo, tocando Bach ao piano depois de ter aprendido com Arnaldo Estrela e Fontainha — como é que ele acabou sendo um grande fotógrafo?

É uma longa história curta. Antes de partir para Paris como quem parte para a lua sem foguete de volta, já tinha uma camera e vivia flagrando tudo que via. Principalmente crianças — outra afinidade sua com Lewis Carroll. Para ele, tudo o que há de mais importante está acontecendo ao acaso em torno da gente, basta saber ver. Confessa-se um *voyeur* nato. A série admirável de fotos suas ilustrando poemas de Drummond transformou-se numa exposição que correu mundo.

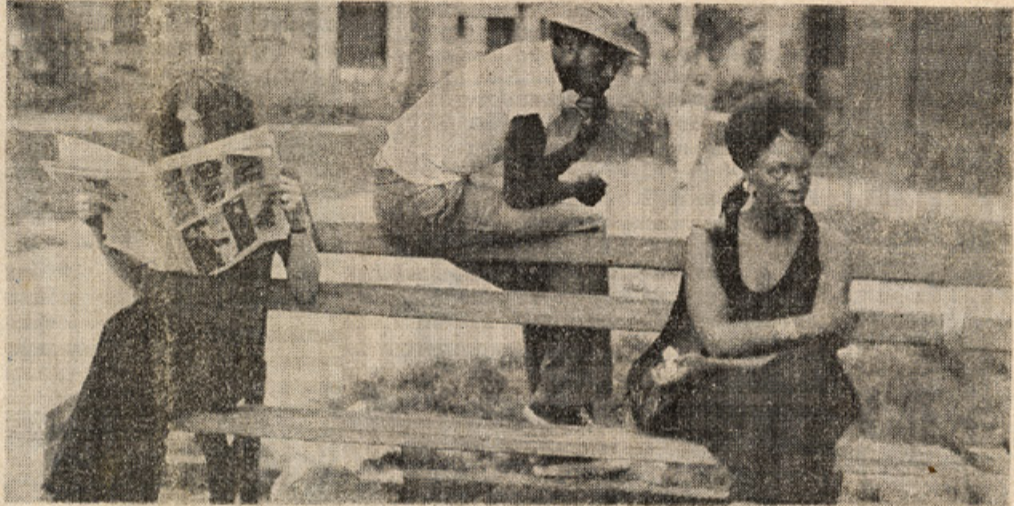
Em 1965 fui encontrá-lo num bistrô de Rue de la Seine, onde seu crédito para espetos já era direito adquirido, como nos demais das imediações. Que diabo você está fazendo aqui? E ele: estou olhando. Já tinha sua camera e volta e meia saía correndo pela rua para fotografar alguma coisa que só ele via. Hoje me diz que sua consciência profissional nasceu mesmo em maio de 1968, com a rebelião dos estudantes. Foi quando cruzou com Cartier Bresson, correndo como ele em meio ao tumulto dos jovens e à pancadaria dos *flits*. A certa altura deu com o velho cambaleante, braços abertos, emergindo de uma nuvem de gás lacrimogêneo, depois de levar uma cacetada na cabeça. Teve de ampará-lo, mas logo o mestre se sentiu melhor e se meteu de novo no bochincho. Dava gosto ver o velho topando qualquer parada. No enterro de De Gaulle, por exemplo, escondeu-se no topo de uma escada durante oito horas para colher uma foto de determinado angulo.

No entanto, a entrada de Alécio na *Magnum* não se deve a Henri — como hoje carinhosamente o trata: foi à casa do diretor da cooperativa, deixou lá uma coleção de fotos e no dia seguinte o chamaram. Já trabalhava para *Manchete*, o que queria dizer de vez em quando tinha de haver-se com Adolfo Bloch — que, honra seja feita, nunca lhe comeu um só negativo, como chegou a fazer com o de vários fotógrafos a seu serviço. Não que jamais tivesse sentido vontade, como me diz Alécio hoje, mas porque “os meus em geral eram meio indigestos”.

☆☆☆

Alécio de volta ao Rio, depois de nove anos. Só mesmo a agonia de um grande amigo o faria voltar às origens. Aos 35 anos, ele sente que chegou finalmente ao limiar da síntese, depois da tese e da antítese. Já pode legalmente candidatar-se a Presidente da República de seu país interior, que proclamou recentemente em meio às nuvens, depois de séculos de monarquia absolutista, ao descobrir que, num mundo corrompido pelos que sempre têm razão, só a loucura é respeitada.

Foi só durante as barricadas no Quartier Latin que Alécio descobriu "o verdadeiro valor e importância da fotografia"



"Nossa tarefa é registrar acontecimentos. Se nisso há arte ou não, depende da interpretação de cada um."

Alécio Andrade

Com ou sem arte, a fotografia-documento

Os móveis escuros, o velho piano de cauda e mais a presença dos parentes, tudo contrasta com a pequena figura que, no instrumento, interpreta o quarto prelúdio de Bach. Com umas altas botinas de camurça, calça e jaqueta "Lee", um cachecol de seda e os cabelos muito encaracolados, Alécio Andrade parece um estudante em férias. Um jovem muito à francesa, que depois de nove anos volta ao Brasil.

Mas o retorno deste carioca de 35 anos, primeiro brasileiro a ser admitido na Agência Magnum de Cartier-Bresson, é temporário e está ligado ao trabalho: ele deve fazer um levantamento fotográfico da atual situação da América Latina. "Um registro histórico, um documento, já que esta é a verdadeira função da fotografia."

Tudo começou com a idéia de Marcos Colimbra que, junto com um grupo de amigos, patrocinou uma mostra de Alécio na Petite Galerie. Isso ocorreu em setembro de 64 e a experiência era inédita no Brasil. Daí, com o patrocínio do Itamarati, ele partiu para a Europa.

— Foi um bom começo, mas que não tem nada a ver com o tipo de fotos que faço hoje. Naquela época, eu fotografava basicamente crianças, sempre com teleobjetiva. Havia uma explicação de ordem psicológica: muito tímido, eu tinha medo de que as pessoas me agredissem; só as crianças me davam certa tranquilidade.

Além disso, outros fatores entravam em jogo. No início, talvez por uma questão de amorosismo, eu procurava uma concepção artística para o meu trabalho.

— A coisa era realizada mais no campo da satisfação pessoal, sem me preocupar com contextos, momentos, ou alguma idéia

mais elaborada. Eu não tinha descoberto ainda o verdadeiro valor e importância da fotografia. Uma explicação viável, já que eu não sabia, também, o verdadeiro valor de todas as coisas. Hoje, meu trabalho é bem diferente. Eu fotografo de tudo, com um detalhe: só uso a lente normal.

E como ocorreu esta mudança?

— Bem, foram necessários quatro anos para que esta transformação ocorresse. Logo que eu saí daqui, viajei muito por vários países da Europa, e também permaneci um bom tempo em Nova York. Minha atividade se resumia em ser correspondente de alguma revista brasileira e fazer *free-lance*. Fiz fotos para o "Elle" e mais outros trabalhos. A mudança ocorreu, veio em 63, quando eu residia definitivamente em Paris e presenciei as barricadas no Quartier-Latin. Registrei uma grande quantidade de fatos e então senti a importância da fotografia. Cenas como aquelas iriam reproduzir-se no mundo inteiro, e nós tínhamos a responsabilidade de documentá-las. A classificação da fotografia, como obra de arte, passa a ser, na minha opinião, relativa. Nossa tarefa é registrar acontecimentos. Se nisso há arte ou não, depende da interpretação de cada um.

Atividade diferente

A Agência Magnum, conhecida no mundo inteiro como a firma de Henri Cartier-Bresson, "o Papa da Fotografia", estava muito longe das cogitações de Alécio Andrade. Paris, agora, já não era mais a cidade grande e desconhecida e o tempo das "vacas magras" havia terminado. Aos poucos, ia surgindo trabalho e, conseqüentemente, muitas viagens. De repente, no entanto, veio o convite. Alécio vinha sendo observado há algum tempo e a conclusão era de que o "fotógrafo brasileiro tem condições de trabalhar conosco". A frase é do próprio Cartier-Bresson, apenas mais um fotógrafo na Agência, como frisou Alécio, já que o trabalho funciona em um esquema de cooperativa.

— Ao todo, somos vinte e cinco funcionários, que trabalham com a maior autonomia possível. Não há uma estrutura rígida. Para alguém ser admitido na Magnum é preciso que, além de fotografar, ele apresente um bom texto. Essa é uma exigência do próprio Cartier-Bresson que, como um homem de letras, exige o máximo de seus companheiros.

Mas não existe um esquema para entrega de pautas, escolha de assuntos?

— Não. Como eu disse, tudo muito solto. Muitas vezes nós discutimos os assuntos, outras vezes um fotógrafo pensa numa matéria e a entrega diretamente a um veículo. A Agência faz a veiculação dos

materiais, geralmente quando estamos em viagem. Senão, nós mesmos oferecemos o material aos jornais e revistas, tirando, é claro, os trinta por cento da Agência. Quando o assunto é de muito interesse, há a encomenda do material. Nestes casos, já viajamos financiados pelo jornal ou revista que nos solicitou o trabalho.

Vocês só trabalham para jornais e revistas?

— Talvez, este ano ainda, a gente parta para um novo esquema. A idéia é aproveitar ao máximo a riqueza dos áudio-visuals. Vamos partir para documentários em cinema, exposições públicas e, também, embora não se saiba ao certo, para a elaboração de livros. Uma espécie de folhetos ou fascículos que já venderíamos prontos para os jornais. Será uma abertura muito grande, especialmente em termos gráficos.

Importância das exposições

Embora tenha programado para este seu retorno ao Brasil uma série de matérias sobre a América Latina, Alécio arranjou tempo para uma exposição no Museu de Arte Moderna. Uma retrospectiva, onde ele pretende mostrar o que viu no Harlem, nas ruas de Berlim, Roma, Estocolmo e, principalmente, Paris. Uma mostra que ele dedica aos amigos, "pois parece que o pessoal daqui ainda não percebeu a importância destas exposições".

Se eu estivesse no Brasil, agora, já teria realizado muitos trabalhos deste tipo. Há assunto em excesso, inclusive eu acredito que ninguém esteja mais nesta de fotografar coisas mortas. E dentro desta concepção, acho que se poderiam fazer documentários sobre a atual situação do Chile, por exemplo, o que ninguém se lembrou ainda de fazer.

O que você pretende fazer daqui para frente?

— Tenho dois planos imediatos. Viajar pela América Latina, fazendo fotos e reportagem, conforme combinamos em Paris; depois, viajar para Nova York. Pretendo passar alguns dias no Harlem e retratar com o maior carinho aquela realidade. Aí está um outro assunto, que sugiro aos colegas brasileiros. Pelo menos que eu saiba, ninguém se lembrou de fazer um roteiro com os nossos negros e suas atividades. E esta seria um documentário bem vivo, em termos de Brasil, já que é inegável a influência da raça negra, na nossa civilização. E os meus planos são exatamente estes: dentro do possível, realizar o maior número de documentos, isto é, fotografias, que registrem o momento que se está vivendo.